

PETROLÍFERAS

TRANSITAM PARA AS

ENERGIAS LIMPAS

TEXTO DÍRCIA LOPES

A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA É UM MOVIMENTO GLOBAL INCONTORNÁVEL, NO QUAL, NENHUM SECTOR PODE PERDER O COMBOIO. MAIS DE 100 PAÍSES E CERCA DE 45% DAS EMPRESAS DO FTSE 100 JÁ SE COMPROMETERAM COM A NEUTRALIDADE CARBÓNICA. AS PETROLÍFERAS TRADICIONAIS ESTÃO INCLUÍDAS NESTE PROCESSO E ESTÃO A ADOPTAR ESTRATÉGIAS E MODELOS DE NEGÓCIO QUE CONTEMPLAM FONTES DE ENERGIA COM BAIXAS EMISSÕES DE CARBONO.

As alterações climáticas estão na agenda global de empresas, investidores, governos e sociedade em geral. A transição energética é um movimento global cada vez mais incontornável, e as empresas petrolíferas estão também conscientes da relevância deste processo. As novas estratégias e modelos de negócio já começam a reflectir a aposta na transição de empresas de “petróleo” para empresas de energias limpas. Para a Sustainability and Climate Change Partner da PwC Portugal, Cláudia Coelho, “estamos na década mais determinante da história, em matéria de acção climática, em que acções concretas são cruciais para o cumprimento do Acordo de Paris”. Cláudia Coelho lembra que mais de 100 países e cerca de 45% das empresas do FTSE 100 já se comprometeram com a neutralidade carbónica (Net Zero), incluindo as grandes empresas do sector do Oil&Gas como a BP, Equinor, Shell, Total, Eni, Repsol e Galp Energia.

A responsável pelos serviços de sustentabilidade e alterações climáticas da consultora defende que o sector de petróleo e gás é “chave na transição energética, terá de transformar-se profundamente para ter um papel numa futura economia de baixo carbono”. Neste cenário, realça que à medida que o mundo procura fontes de energia com baixo teor de carbono e a electrificação da economia avança, os líderes das empresas deste sector têm grandes decisões a tomar. Para a mesma fonte, a maior parte das grandes empresas da indústria integra, por isso, “este tema nas suas reflexões estratégicas mais recentes e nos seus modelos de negócio, preparando uma transição de empresas de “petróleo” ou de “combustíveis” para empresas de energia”. O investimento em energias renováveis é um dos sinais, segundo Cláudia Coelho, de que esta transição já está em curso, como é o exemplo da Galp Energia, que, em 2020, avançou com a aquisição de projectos solares em Espanha, com uma capacidade de geração de energia total de 2,9 GW.

O Associate Partner da Deloitte, Frederico Martins Correia, também confirma que as empresas petrolíferas estão conscientes da relevância do processo de transi-

ção energética. Frederico Martins Correia detalha que “todas as operadoras internacionais, Chevron, Exxon-Mobil, Shell, BP, ENI, Equinor, anunciaram a ambição de ter uma pegada neutra de carbono até 2050”. Ao mesmo tempo que, algumas destas empresas, “no sentido de transmitir um sinal positivo aos seus colaboradores e ao mercado, alinharam o seu posicionamento a empresas de Energia, e mudaram a própria marca, sendo que a BP é agora Behond Petroleum e a Total passou a denominar-se TotalEnergies”, salienta o Associate Partner da Deloitte.

Ao mesmo tempo que, algumas destas empresas, “no sentido de transmitir um sinal positivo aos seus colaboradores e ao mercado, alinharam o seu posicionamento a empresas de Energia, e mudaram a própria marca, sendo que a BP é agora Behond Petroleum e a Total passou a denominar-se TotalEnergies”, salienta o Associate Partner da Deloitte.

A mesma fonte identifica as grandes tendências de acção quando se trata do fenómeno de transição energética. E são elas: uma matriz de produção mais assente em energias renováveis, a redução da emissão de gás carbono e a adopção de tecnologia para optimização da geração. “Estas são as linhas de condução de gestão das empresas até então denominadas petrolíferas, e que agora vêm a realizar o seu caminho de transição através de investimentos em fontes de geração de energia renovável”. As empresas estão, então, a apostar nos parques fotovoltaicos, geração eólica, no aproveitamento da energia das marés, entre outras opções de energia limpa.

Frederico Martins Correia salienta ainda que na exploração de crude, anterior zona de conforto e negócio *core*, as organizações estão a optimizar a sua operação no sentido de ter uma extracção o mais neutra possível ao nível de impacto ambiental. Assim como estão a ter “mais, e melhor, exploração e monetização de gás, o que até ao ano 2000 era pouco relevante, e que, recentemente, passou a ter um papel pertinente na matriz de geração destas empresas e dos países produtores”. O responsável da Deloitte dá como exemplo “a existência de várias fábricas de gás liquefeito em África, com particular destaque para a da Angola LNG, no Soyo, província do Zaire, e que é hoje uma das operações industriais de energia mais competentes de Angola”.

As soluções no terreno

Diversificar a oferta com a venda de eletricidade de fontes renováveis.



No terreno as empresas já colocaram algumas soluções mais amigas do ambiente. **Cláudia Coelho** da PwC refere que, no âmbito da diversificação da oferta de produtos, “existem já alguns desenvolvimentos relevantes, como a comercialização de electricidade de fontes renováveis, os postos de carregamento para mobilidade eléctrica, as soluções de eficiência energética, os combustíveis “neutros”, os biocombustíveis ou os combustíveis para aviação “sustentáveis”, entre outros”.

A título de exemplo, Cláudia Coelho sublinha que “a BP já tem nalguns territórios — incluindo no Reino Unido, na Holanda, em Espanha, entre outros países — uma oferta de produtos “neutros”, incluindo combustíveis e lubrificantes, cujas emissões associadas são compensadas”. Outro exemplo que a responsável da PwC cita é a empresa finlandesa Neste que “oferece o combustível Neste MY Renewable Diesel, feito de matérias-primas 100% renováveis e que resulta em até menos 90% de emissões de gases de efeito estufa ao longo do ciclo de vida do combustível quando comparado com o diesel fóssil.

Cláudia Coelho destaca também o combustível para aviação “sustentável” — produzido a partir de fontes renováveis como óleos usados de origem biológica, resí-

duos agrícolas ou CO2 não fóssil — que ainda tem “muito pouca expressão, mas é uma das áreas de investimento de empresas como a Total, Shell ou a Neste, entre outras”. Segundo a mesma fonte, este é um combustível comprovado e seguro, que tem potencial para reduzir as emissões do ciclo de vida, em até 80%, em comparação com o combustível de aviação convencional.

Os países e a transição energética

Um movimento global que se tornou mais visível e acelerado nos últimos dez anos.



A transição energética é um movimento global em curso há alguns anos, mas mais visível e acelerado nos últimos dez. **Frederico Correia Martins** da Deloitte lembra que, hoje, todos os países têm em curso uma estratégia de transição energética, podendo-se assinalar alguns exemplos em diversos continentes:

► Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral — a “Estratégia e Plano de Acção de Acesso Regional” estabelece um objectivo estratégico: “Aproveitar os recursos energéticos para assegurar, através de acções nacionais e regionais, que todas as pessoas da região da CDAA tenham acesso a serviços energéticos fiáveis, com menor custo e ambientalmente sustentáveis”;

- ▶ Comissão Europeia — plano de descarbonização para 2050, assim como a actuar na definição do acordo “Verde Europeu” e no pacote “Energia Limpa” para todos os europeus;
- ▶ Estados Unidos da América — em 2019, notificaram a ONU da sua saída do “Tratado de Paris”, mas esta decisão está em revisão neste novo mandato presidencial. Existem ainda outros movimentos positivos em curso nos EUA, como por exemplo, o estado da Califórnia estabeleceu o objectivo de electricidade 100% renovável até 2050;
- ▶ Brasil — o plano de expansão energética prevê que as fontes renováveis atinjam os 48%, até 2029;
- ▶ China — nos próximos cinco anos serão investidos 160 biliões de dólares em energia solar e 184 milhões de dólares em energia eólica;
- ▶ Japão — implementação de tarifas para promover a energia solar, eólica e geotérmica, após o desastre de Fukushima (fonte de energia nuclear);
- ▶ Portugal — objectivo de 20% de energia renovável nos transportes, 35% de eficiência energética até 2030 e um plano de redução de emissão CO₂ de 50%, entre os anos de 2005 e de 2030.
- ▶ Angola — segundo maior produtor de petróleo em África, há a possibilidade de se tornar uma referência neste processo a nível continental, devido ao potencial de produção de energia renovável nomeadamente: 15 a 16 GW em energia solar; 3 a 4 GW em energia eólica; 17 a 18 GW em energia hidroelétrica, sendo que esta última representará 70% da capacidade de geração instalada no país até 2030.



Pandemia obriga a redefinir estratégias

As petrolíferas enfrentam uma dupla crise, a sanitária e a volatilidade nos preços do petróleo que estão a ter impacto nos seus resultados.

A pandemia da Covid-19 paralisou o mundo com os diferentes sectores de actividade a sofrerem os impactos negativos. O sector petrolífero não foi excepção.

A responsável pelos serviços de sustentabilidade e alterações climáticas da PwC, **Cláudia Coelho**, vai mais longe e refere que as empresas estão, desde Março de 2020, “a enfrentar uma crise dupla, relacionada com a pandemia da Covid-19 e com a volatilidade nos preços do petróleo, com impacto relevância nos seus resultados”.

Cláudia Coelho lembra que os principais consumidores de petróleo, como a indústria da aviação, foram duramente atingidos, reduzindo a procura, as vendas e os preços. Face às políticas de contenção da pandemia, “as empresas líderes estão a usar esta crise para redefinir as suas razões de ser e o seu posicionamento estratégico, em particular face à transição energética”, explica a mesma fonte.

Por seu turno, o Associate Partner da Deloitte, **Frederico Martins Correia**, destaca que “os impactos foram avultados devido à maioria dos países terem adoptado processos de confinamento, o que conduziu à quebra do consumo de derivados de petróleo”. Como consequência, realça Frederico Martins Correia, o preço do barril de crude no mercado internacional “atingiu mínimos históricos, tudo por não existir capacidade de armazenagem disponível, face ao nível de produção, e tão baixa procura”.

O responsável da Deloitte sublinha que, apesar da incerteza ainda vigente, existem alguns sinais positivos, e que fizeram subir o preço do petróleo nos últimos meses. Esses sinais são: o acelerar da vacinação contra a Covid-19, os estímulos financeiros e fiscais em todas as economias ocidentais, e o plano de apoio à economia nos Estados Unidos da América, avaliado em cerca de 1,9 biliões de dólares.

De acordo com o Associate Partner da Deloitte, estas acções reequilibraram a procura mundial de petróleo actualmente revista para o valor de 5,6 milhões de barris diários.

Para Frederico Martins Correia, depois de cerca de ano e meio, em que as petrolíferas interromperam os novos investimentos e optimizaram o custo de operação, “existem sinais de receptividade das organizações para reinvestir em novos projectos e mercados. O anúncio da possível *joint-venture* ENI/BP é um exemplo preciso do referido, e ainda uma visão positiva para o sector de energia e subsector petrolífero, a curto e médio prazo”, remata o Associate Partner da consultora.

Joint-venture Eni/bp em Angola será replicada

Nova entidade será o terceiro produtor.

No passado mês de Maio, a italiana ENI e a britânica bp assinaram um Memorando de Entendimento, não vinculativo, para impulsionar as operações de petróleo e gás em Angola. Ainda carece de aval do Governo de Luanda, mas figura como um negócio sem precedentes em África, criando uma entidade com capacidade, em termos de reservas líquidas, que ascende a 2.320 milhões de barris de petróleo equivalente.

O Associate Partner da Deloitte realça que esta consolidação permitiria às duas empresas serem o terceiro produtor petrolífero do país, no que respeita à produ-

ção operada, atrás da TotalEnergies e da Chevron. E será o maior exportador de crude global, pois “ambas as empresas têm participações noutras blocos, e no agregado de produção, a *joint-venture* representará cerca de 80% do valor de exportações de crude do país”.

Frederico Martins Correia diz que esta operação “pode ser replicável a outras regiões do continente e, ainda, à exploração *onshore*, pelo que há várias operadoras a analisar esta possibilidade”. E detalha como vantagem de uma operação conjunta a “optimização de custos de operação, mais concretamente nas funções de suporte, que podem ter maior escalabilidade, sem pôr em risco a integridade das funções *core*”. As compras, finanças, recursos humanos, planeamento e controlo ou auditoria interna, “são passíveis de optimização e têm potencial para assistir a mais que uma operação petrolífera” refere ainda.

Quanto a desvantagens aponta: a perda de rotinas e procedimentos que com a junção de operações sofrem riscos de disrupção, a capacidade de resposta limitada em picos de atividade da cadeia de abastecimento de matérias-primas para as operações de manutenção e inspeção dos activos de Exploração & Produção.

Promoção **Viagem de Prémios**



SEGURO AUTO
FAÇA UM SEGURO
AUTO E HABILITE-SE
A UMA BAGAGEM
DE PRÉMIOS

**MOTO, FRIGORÍFICO, FOGÃO,
TELEVISÃO, MÁQUINA DE LAVAR,
COLUNAS DE SOM!**

Faça ou renove o seu Seguro Nossa Auto até **20 de Junho**.
Habilite-se aos nossos prémios e entre no grande sorteio
de um Kia Soul. Saiba mais em www.nossaseguros.ao

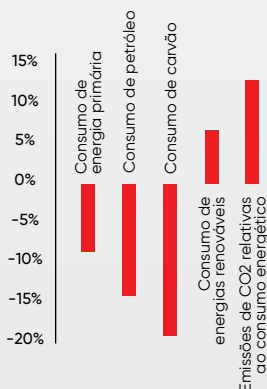
Outubro 2021
**E GRANDE SORTEIO
DE UM KIA SOUL**



Mercados energéticos sofrem efeitos da Covid-19

O CONSUMO DE ENERGIA PRIMÁRIA E AS EMISSÕES DE CARBONO, A PARTIR DO CONSUMO ENERGÉTICO, REGISTRARAM A QUEBRA MAIS RÁPIDA DE SEMPRE DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. JÁ AS ENERGIAS RENOVÁVEIS CONTINUAM A TRAJECTÓRIA DE CRESCIMENTO, COM DESTAQUE PARA A EÓLICA E A SOLAR.

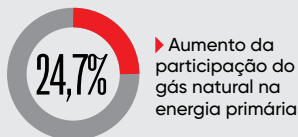
MERCADO DE ENERGIA EUROPEU



IMPACTO DA PANDEMIA GLOBAL NOS MERCADOS ENERGÉTICOS EM 2020

238GW

AUMENTO DA CAPACIDADE EÓLICA E SOLAR



↓ 4,5%

CONSUMO DE ENERGIA PRIMÁRIA

↓ 6%

EMISSÕES DE CARBONO A PARTIR DO CONSUMO ENERGÉTICO

PETRÓLEO



9,3%

▶ Diminuição da procura mundial pelo petróleo

2.300 000 barris/dia

▶ Queda nos Estados Unidos da América

1.500 000 barris/dia

▶ Diminuição na produção na Europa

GÁS NATURAL

↑ 0,6%

AUMENTO DA OFERTA DE GÁS NATURAL

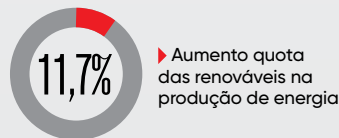


ELECTRICIDADE



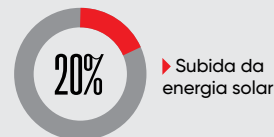
↓ 0,9%

PRODUÇÃO DE ELECTRICIDADE



111GW

AUMENTO DA ENERGIA EÓLICA



↓ 4,2%

CONSUMO DE CARVÃO

↑ 9,7%

ENERGIAS RENOVÁVEIS (EXCLUINDO A HÍDRICA)

FONTE: BP STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY